

SALGADO, Luciana Salazar;
CHIEREGATTI, Amanda; BOSCHI,
Helena; CLARES, Letícia Moreira;
DELEGE, Marina; DORETTO, Vitória
Ferreira. **Autorias**. Belo Horizonte:
Contafios; Moinhos, 2022. 180 p.

Marcio Antonio GATTI¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3725>

Autorias: entre a transitividade e a transitoriedade

Autorias, livro coletivo assinado por Luciana Salazar Salgado, Amanda Chieregatti, Helena Boschi, Letícia Moreira Clares, Marina Delege e Vitória Ferreira Doretto, trata, como se pode inferir, do tema que intitula o volume e de uma perspectiva que justifica o plural aplicado à palavra-título. As autoras dedicam-se em suas pesquisas aos estudos da edição e, no livro, evidencia-se, na análise dos objetos ali explorados, a articulação da Análise do Discurso, ancorada em Dominique Maingueneau, e da Mediologia, desenvolvida por Régis Debray.

Logo nas orelhas do livro, anuncia-se um princípio: a autoria é sempre transitiva. Por meio desse pressuposto, passa-se a analisar as diversas autorias: de ficção literária, de artigos científicos, de divulgação científica, de materiais didáticos. De fato, observando cada um desses “pedaços”, pode-se pressupor que as autorias e os papéis desempenhados para a sua viabilização sejam tão diversas quanto são os campos e suas relações profissionais, políticas, mercadológicas etc.

Assim, longe de um anúncio fúnebre (Barthes, 2004) ou de uma concepção restritiva (Foucault, 2009), as autoras debruçam-se sobre materiais ora muito canônicos, como uma obra literária, ora pouco convencionais, do ponto de vista do estudo de uma autoria, como a divulgação científica, por exemplo.

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; maggatti@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9902-2856>

Os textos partem de bases teóricas comuns. Ressalte-se, entre outros, o conceito de paratopia criadora, desenvolvida por Dominique Maingueneau no quadro da Análise do Discurso. Nesse caso, vários dos capítulos evidenciam, por meio das análises efetuadas, a operacionalidade do conceito. É o caso do primeiro capítulo *Autoria exponencial num livro que não é bem um livro*, assinado por Luciana Salazar Salgado e Vitória Ferreira Doretto. Neste texto, presencia-se uma análise arguta das três instâncias propostas pelo pesquisador francês para a paratopia criadora (pessoa, escritor e inscritor), cujas instâncias podem relevar de maneiras distintas. A depender para qual nome escrito na capa do objeto editorial (*S.*) se olhe, ou ainda, se se leva em consideração o nome ficcional de autor de um dos componentes do objeto (o romance *O navio de Teseu*), observa-se uma predominância de uma determinada instância: uma gestão diferente da instância escritor, por exemplo, para cada um dos autores. Uma discussão importante no capítulo é a relevância da gestão dos espaços associados e canônicos como elementos intrínsecos da obra analisada, dada a sua peculiaridade. As autoras nos fazem observar esses espaços de gestão da autoria e quase somos levados a crer num espaço associado real de *O navio de Teseu*, até que, enfim, anunciam “um espaço associado ficcional” (p. 33).

A paratopia é retomada no capítulo seguinte, *Autoria para muito além dos textos: Jane Austen, um caso emblemático*, assinado por Luciana Salazar Salgado e Amanda Chierregatti. Um caso curioso de uma autoria que não cessa e na qual os limites da teoria podem ser testados. A paratopia criadora propicia, portanto, um debate para além do par tradicional vida e obra, e cada momento de Jane Austen como autora, seja quando tinha que ser uma anônima ou atualmente, quando se torna um ícone, sobressaem instâncias diferentes da autoria, chegando, em meio a *cosplays* e tatuagens, a instância inscritor ser a de menor importância. Segundo as autoras, trata-se de um caso em que se evidencia o papel fundamental das mediações institucionais, sobretudo as editoriais, que “condicionam a recepção das obras ao delimitar formas de ler” (p. 65). Nesse sentido, é que se trata de uma autoria que não cessa, pois, ao observar a autoria pelo prisma da paratopia criadora, é possível observar o “movimento de tessitura desse lugar que é sempre um vir a ser” (p. 66).

O terceiro capítulo, *Autoria de muitos e de ninguém numa revista de divulgação da “ciência brasileira”*, Luciana Salazar Salgado e Marina Delege analisam a configuração da autoria na revista de divulgação científica *Pesquisa FAPESP*. Ou, mais precisamente, o modo como não se mostra um nome de autor e como isso implica uma imagem de revista para uma determinada propensão do fazer científico. Trata-se de um *ethos* discursivo (conceito de Maingueneau) captado pelas autoras por meio da observação de uma matriz de sociabilidade e um vetor de sensibilidade (conceitos de Debray) aliados a

uma cenografia (outro conceito oriundo da obra de Maingueneau) dos textos da revista. A curiosa ausência de nomes de autores implica uma naturalização de uma determinada ciência, ou, mais propriamente, de uma gestão de ciência, a saber a paulistana, fortemente ancorada em princípios da inovação e empresariais.

Vale ressaltar que a noção de *mídiu*m ganha corpo e se mostra bastante eficaz neste capítulo e nos próximos, embora já estivesse delineada nos anteriores. Considerar o *mídiu*m implica levar a cabo a proposição que o modo como os objetos são produzidos é parte importante e intrínseca da significação. Eles são, portanto, vetores de sensibilidade em meio a matrizes de sociabilidade. Dá-se, de tal modo, um passo em direção à Mediologia de Debray para se avançar na incorporação da teoria do *mídiu*m nos estudos discursivos.

As análises continuam, nos capítulos seguintes, passando por duas outras autorias, aquela produzida em periódicos científicos e a de materiais didáticos. Aqui, talvez, o princípio da transitividade da autoria fique mais evidente: as autorias dos diversos textos e de diversos campos implicam práticas, mediações e papéis ora mais e ora menos institucionalizados e profissionalizados. No caso dos periódicos, o capítulo intitulado *Autoria gerida por pares em periódicos científicos de humanidades*, de Luciana Salazar Salgado e Letícia Moreira Clares, trabalha com elementos singulares da comunicação científica no Brasil, em especial nas humanidades. Trata-se de observar os fatores intrincados que permitem, vedam e configuram a produção de artigos em revistas científicas. E esses fatores vão desde os pareceres enviados por pares, passando por uma determinada configuração genérica dos textos influenciada diretamente pelas ditas ciências duras ou ainda pela pressão constante de marcadores quantitativos. O texto faz arguta análise desses diversos fatores e o modo como determinam a publicação da ciência.

É importante salientar a relevância da digitalidade no bojo desses fatores: a “opção” por publicar artigos exclusivamente de modo *on-line* em uma única plataforma digital tem sido quase unânime e isso faz aparecer uma série de consequências a autores e profissionais da edição. E aqui vale uma nota: o profissional, nesse caso, é quase sempre alguém (geralmente um professor universitário) desdobrando-se em mais de um papel. De um modo ou de outro, o capítulo contribui para que o leitor possa ver também papéis de mediadores editoriais que são geralmente invisibilizados por um nome de autor na capa de um livro ou abaixo de um título de artigo. Além disso, operar com a transitividade permite que se possa definir autorias, quase nunca tão geniais quanto podem parecer. Também permite que possamos acrescentar que, além de transitiva, a autoria pode ser transitória, isto é, autores de artigos são sempre (ou quase sempre) transitórios, fatalmente assumindo essa função como uma das tantas que desempenham.

Isso ocorre também no tipo de autoria analisado no último capítulo, *Autoria coletiva – nas teias do didático*, de Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Ao avaliar a autoria de materiais didáticos de português como língua estrangeira produzidos coletivamente na Argentina, por meio de um *corpus* composto pelos materiais didáticos e por entrevistas, as autoras constatarem diferentes modos de organização do processo editorial de didáticos, ora mais profissionalizados ora mais amadores, ora bem-sucedidos ora nem tanto. Isso nos permite enfatizar esse caráter transitório de diversas autorias: há, claro, um número de autores de livros didáticos que “vivem disso” (não é o caso da autoria dos objetos analisados pelas autoras), mas há um número de autores compelido a desempenhar essa função, e isso se destaca como uma das características “dos ritos genéticos editoriais dos materiais”, qual seja “o acúmulo das funções desempenhadas pelos professores autores” (p. 147). Aqui importa acrescentar que a autoria pode ser transitiva e transitória também num mesmo campo: um autor da literatura consagrado e um autor de literatura que paga para editar seus livros não parecem comungar da mesma configuração da autoria no campo. Isso ocorre também com os didáticos. Assim, nos parece que quanto mais consagrada, menos transitória a autoria. Para além disso, o capítulo é eficaz em mostrar como “o autor não é senão um dos nós de uma rede que se tece conjuntamente e, então, se define conforme aquilo que se escreve” (p. 136) e isso se evidencia por meio das análises do *corpus*, peculiar por mostrar o que geralmente fica escondido, isto é, o papel de alguns dos outros nós da rede que contribuem para conduzir as autorias à paratopia.

Como um todo, importa salientar a qualidade das análises desenvolvidas ao longo do livro, que compartilham a ancoragem teórica e o avanço analítico em torno da importância do *mídiun*. Assim, um nome de um autor genial contrasta com a diversidade de atividades mais ou menos profissionalizadas que sustenta a produção editorial e mesmo a gestão de uma autoria que é “sempre uma gestão de elementos que se definem nos processos de criação, produção e distribuição da obra” (p. 135, grifo das autoras).

Referências

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução Mario Laranjeira; Rev. Trad. Andréa Sthael M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). 2. ed. Org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

- | Autorias (resenha)

COMO CITAR ESTA RESENHA: GATTI, Marcio Antonio. Resenha da obra de SALGADO, Luciana Salazar; CHIEREGATTI, Amanda; BOSCHI, Helena; CLARES, Letícia Moreira; DELEGE, Marina; DORETTO, Vitória Ferreira. **Autorias**. Belo Horizonte: Contafios; Moinhos, 2022. 180 p. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 294-298, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 25/04/2024 | Aceito em: 30/07/2024.
